



“

Se busca a felicidade de forma inadequada, você, necessariamente, priva-se de ser feliz



TEXTO E ENTREVISTA: CLEONILDO MELLO

Imagine uma pessoa, a altas horas da madrugada, voltando de uma balada e com muita fome. Pára numa loja de conveniência e se depara com uma goiabada. O doce aguça o paladar, mas o indivíduo percebe que nos seus bolsos não há um centavo sequer. Supondo que na loja não existem câmeras, resta-lhe duas opções, voltar para casa com fome, mas sem cometer nenhum delito, ou se apoderar daquela guloseima ilicitamente.



Entre a moral e a ética



Foi baseado nessa história que o filósofo Clóvis de Barros Filho proferiu palestra na abertura do Congresso de Iniciação Científica da FARN. Ele quis, com o exemplo acima, explicitar um dos conceitos apregoados em suas conferências, cujas abordagens envolvem a ética. “A moral é a reflexão sobre si mesmo. Uma reflexão sobre a vida e para a vida. Só há moral se houver deliberação livre”, diz o filósofo. No caso da goiabada, a ausência de câmeras na conveniência dá liberdade para que o sujeito possa pôr em xeque a sua moral. “Onde existe medo, não há moral”, sentencia Clóvis de Barros Filho, que é professor titular da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Os assuntos enfocados são realmente sérios, mas aquele homem de estatura alta, cabelos escassos e com uma profusão

de idéias contundentes, aliadas a uma oratória impecável, conseguiu transmitir com clareza seus pontos de vista. Com humor refinado e sem rebuscamentos, ele levou o público presente no auditório da FARN a fazer um passeio pelas idéias dos principais filósofos, de Platão a Nietzsche.

O intuito era fazer uma reflexão sobre a vida que se deseja, pois, segundo Clóvis de Barros Filho, os homens são todos parecidos e com finalidade semelhante, tendo como ponto de tangência o conceito de felicidade de Aristóteles. “A vida boa é a vida que vale a pena por ela mesma, que se esgota nela mesma e na sua razão de ser”, defende, afirmando que a condição para uma vida boa é uma sociedade mais justa.

Se preciso fosse, a palestra de Clóvis de Barros Filho poderia ser encarada como um verdadeiro convite à vida intensa. Por que, na opinião dele, a ética é um conceito que surge para responder a uma indagação primordial para qualquer ser humano: qual a melhor maneira de viver? A essa pergunta somente cada um pode responder, tendo consciência de que viver não requer modelos ou fórmulas prontas.

Temos verificado a questão da verdade e da mentira na esfera política. Como pensar em moral diante de tantos casos de ‘goiabada’?

A reflexão moral está no âmbito dos políticos que agem. Resta-nos somente o moralismo. Avaliar a conduta de terceiros. Cada um repensará seu senso ético conforme sua trajetória



O filósofo, comunicador e professor Clóvis de Barros Filho foi o conferencista principal da oitava edição do congresso

“

DEVEMOS SEMPRE NOS PERGUNTAR POR QUE, ÀS VEZES, O QUE NOS PARECE JUSTO É ILEGAL. (...) CADA UM DEVE AVALIAR ISSO EM SEU FORO ÍNTIMO”.
CLÓVIS DE BARROS FILHO.

social e pessoal. As ‘goiabadas’ são como facas de dois gumes. Questionam nossos nortes morais e nos angustiam, porém nos fazem pensar sobre nossas ações e no que acreditamos. São um convite à reflexão.

O senhor prega que a ética não se mede pelo ato, mas sim pelo contrato. Adotando essa idéia, a gente não acabaria relativizando muito as nossas posturas?

Excelente pergunta, difícil resposta. Em que me-

dida estas relativizações seriam realmente prejudiciais? Quando um mais forte negocia com um mais fraco o pacto contratual pode ser desfavorável. Porém, isso ocorre nos dias de hoje sem uma ética contratualista baseada nas relações. Kant falava sobre uma boa “vontade”, ou seja, uma vontade de querer agir moralmente. Se as pessoas não querem estabelecer uma relação honesta entre as partes, de nada adianta os discursos e valores morais, sejam eles quais forem.

Vivemos tempos de concorrência e competição. Estamos buscando a felicidade de forma inadequada ou deixando de ser feliz?

Os dois. Se busca a felicidade de forma inadequada, você, necessariamente, priva-se de ser feliz. Sobre a concorrência e a competição, não podemos colocá-las como causa última da infelicidade. Afinal, há muitos esportistas que só são plenamente felizes competindo contra concorrentes de seu campo profissional.

Na modernidade, o que é justo nem sempre coincide com o que é legal. Às vezes, algo pode ser absolutamente ilegal e nos parecer justo. Dá para se afirmar que o justo precisa ser decidido no foro íntimo de cada um em função da sua moral?

Tem pessoas que acham justo, no seu fórum íntimo, matar os pais para receber a herança e assim comprar drogas. Já vimos casos como estes na mídia. Devemos nos perguntar por que, às vezes, o que nos parece justo é ilegal.

Sendo assim, parafraseando Cazuzu, as mentiras sinceras nos interessam?

Cada um deve avaliar isso em seu íntimo.

A todo momento, a mídia nos impõe padrões, muitos deles inatingíveis. Até que ponto isso interfere naquilo que o senhor denomina de ‘vida boa que se esgota nela mesma’?

Se é inatingível, como o próprio conceito diz, não se atinge. A felicidade não possui uma realização adequada. Mas aí eu devolvo com outra pergunta: Estes padrões inatingíveis interferem negativamente na sua vida? Se positivo, pergunto novamente: o que você está fazendo num lugar onde se constata a impossibilidade prática de ser feliz? Como diria meu amigo Arthur Meucci, filósofo e psicanalista, ‘ao escolher padrões inatingíveis para se realizar plenamente no que faz, porque você então delibera racionalmente em se privar da felicidade? Que culpa ou mágoa você carrega que lhe faz consciente e inconscientemente ser uma pessoa condenada a sofrer?’.

A nossa cultura - com idéias já enraizadas no inconsciente coletivo, como o ‘jeitinho brasileiro’ – tem nos estimulado a não agirmos com ética em situações banais da vida?

Essa perspectiva é uma barbaridade. Um “jeitinho brasileiro” que foi criado por intelectuais burgueses desde o século XIX e a mídia, igualmente burguesa, aproveita-se. Imputam ao brasileiro pobre, de pouca instrução, e muitas vezes “nordestino” vícios morais que não existem em sua maioria. Criam personagens estereotipados de ‘mineiro golpista’, ‘carioca malandro’, ‘nordestino ignorante, vagabundo e aproveitador’ (como no seriado global “Ó, Pai, Ó!”) para justificar a condição miserável de nosso povo. Essas personagens servem para camuflar a exploração laboral e econômica feita por quem os cria.